

VISÃO DO CORREIO

Formação de médicos requer debate profundo

Nos últimos dois anos, o Brasil tem assistido a uma abertura desenfreada de cursos de medicina. A justificativa do Ministério da Educação (MEC), órgão que autoriza a criação das instituições de ensino, é a pouca oferta de médicos em determinados municípios e, consequentemente, a escassa prestação de serviços de saúde em algumas regiões, com destaque para as áreas mais remotas e periféricas do país.

No entanto, representações médicas — contrárias à abertura desmedida de graduações e à queda de qualidade das instituições de ensino — alegam que, mesmo que os futuros profissionais estudem em faculdades de cidades menores ou mais distantes, não significa que eles permanecerão na região. O que geralmente ocorre, justificam, é um êxodo para as grandes cidades e para polos em que há demanda por serviços médicos e condições de trabalho consideravelmente melhores.

Antes do programa Mais Médicos, lançado em 2013 pelo governo federal, havia cerca de 100 escolas de medicina no Brasil. Atualmente, são mais de 400, e o Conselho Federal de Medicina (CFM) tem divulgado, a partir de consultas ao MEC, que outras 292 aguardam um parecer do Executivo federal para serem criadas. Se aprovadas, o número de instituições no país chegaria a quase 700.

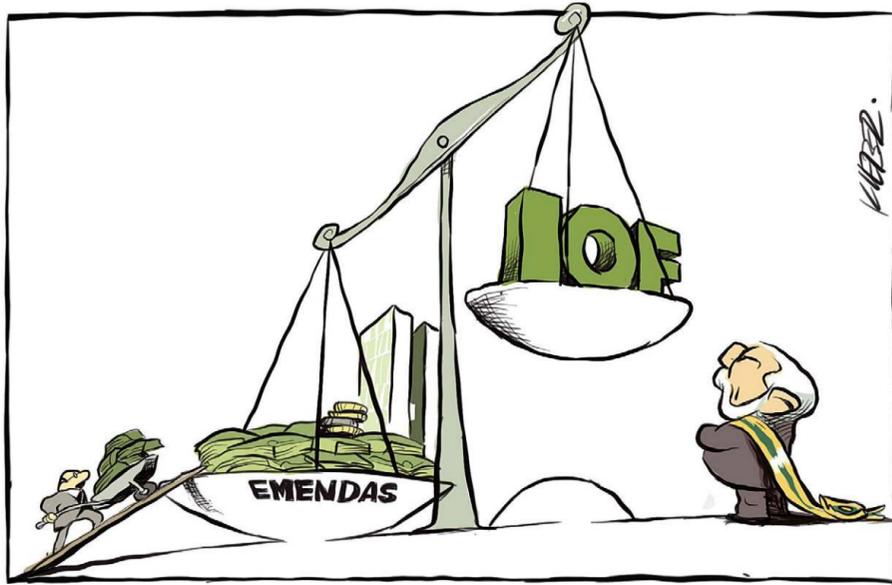
Na tentativa de elevar a qualidade da formação de futuros médicos e os serviços prestados à população, o CFM e a Frente Parlamentar Mista da Medicina (FPMed), formada por deputados e senadores, apresentaram no Congresso Nacional, no ano passado, o Projeto de Lei 2.294/2024, criando o Exame de Proficiência em Medicina. Seria uma

espécie de Exame da Ordem (OAB), feito para os bacharelados em direito, só que para graduados em medicina.

Os defensores do PL acreditam que a implantação do teste — inclusive exigido em dezenas de países — avaliaria competências profissionais e éticas, conhecimentos teóricos e habilidades clínicas com base em padrões mínimos para o exercício da profissão, reduzindo, assim, erros de diagnóstico, prescrição e conduta, muitos com danos irreversíveis aos pacientes e aos sistemas público e privado de saúde. O PL aguarda parecer da Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado.

Fato é que abrir escolas de medicina virou uma atividade lucrativa em decorrência de incentivos fiscais, créditos tributários, redução de valores do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS), do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), parcerias público-privadas, além de ser um atrativo a mais para os municípios. Daí a importância de uma análise consistente sobre o avanço das graduações, considerando sobretudo quem aprova o aumento do número de médicos no país sem ter interesses financeiros nisso.

Nesse debate, também é fundamental uma profunda reflexão acerca do nível dos profissionais que estão sendo formados. Sem falar em outras questões delicadas ligadas à temática, como a judicialização do ensino médico (abertura de escolas via liminar), os lobbies nas negociações e a contratação de não médicos para aulas do ensino básico e do clínico. Trata-se, portanto, de uma discussão complexa e que não deve ser apressada, sob o risco de equívocos resultarem em desdobramentos dolorosos para a população brasileira.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Escárnio

Que escárnio! As excelências aprovaram o aumento do número de deputados federais, que passa de 513 para 531 deputados. Ora, a sociedade hoje se manifesta, por meios das redes sociais, associações dos mais variados matizes políticos e ideológicos. As discussões de pleitos podem, e devem, ser feitas em associações de bairros, classes, nos bairros, municípios, e o encaminhamento dos pleitos deve começar pelos Legislativos municipais, estaduais e, se necessário, federal, devidamente formatados e instruídos, para que possam ser votados e aprovados nas instâncias a que esteja vinculado, até sua efetiva aprovação e implantação. A meu ver, deveríamos diminuir pela metade o número de vereadores e deputados estaduais e federais, como também as estruturas que os atendem. A sociedade hoje custeia uma estrutura legislativa com 60 mil vereadores e mais de 2 mil deputados federais e estaduais, com gastos absurdos de mordomias e privilégios. É o que merece uma sociedade omissa, focada em futilidades.

» **Gilvan da Silva Gadelha**
Ceilândia

Demagogia

Uma coisa é o discurso. A outra é a prática. Tanto o Legislativo quanto o Executivo são enfáticos ao afirmarem que é necessário reduzir gastos para equilibrar as contas públicas. Disso ninguém tem dúvida. Mas, na realidade, ambos tomam decisões que vão na contramão desse objetivo. Chega de fingimento e de atitudes irresponsáveis. A população não aguenta mais ser, indefinidamente, enganada por políticos que só pensam neles mesmos, em detrimento dos interesses coletivos. Como cidadão e contribuinte, registro meu repúdio aos demagogos e falsos representantes do povo.

» **José Leite Coutinho**
Sudoeste

Alerta de jogão

O Verdão tem pela frente um duelo brasileiro: Palmeiras x Botafogo! Vai pegar fogo! Agora, eu quero ver. Confronto definido: Flamengo x Bayern. Chegou a hora de mostrar como o Flamengo é gigante. O Fluminense empata com o Mamelodi Sundowns e está classificado para as oitavas do Mundial de Clubes. Vai ter que encarar a Inter de Milão. Parabéns aos clubes brasileiros. Estamos orgulhosos. Flamengo, Botafogo, Palmeiras e Fluminense representam e seguem firmes na Copa do Mundo de Clubes da Fifa. O melhor futebol do mundo! Nenhum país tem mais representantes do que o Brasil! Um time de guerreiros! Tem que respeitar. Vibra a torcida brasileira em todo o mundo! O mata-mata será o momento para os clubes do Brasil mostrarem que realmente podem bater de frente com os grandes europeus. É só jogão!

» **José R. Pinheiro Filho**
Asa Norte

Ilusão

O que justifica o avanço das guerras no planeta, a não ser a estupidez humana sem limites? Enquanto muitas pessoas em todos os continentes estão preocupadas com as mudanças climáticas, que, se não forem contidas, podem exterminar a vida no planeta, há insanos que optaram por antecipar essa tragédia, matando-se uns aos outros. Os orgulhosos líderes acham que, eliminando seus concorrentes, poderão ter domínio pleno de todo o planeta. Quanta burrice. Se fizermos uma avaliação do nosso tamanho, somos menos do que um grão de areia diante do planeta e do universo. Esquecemos que somos mortais, como qualquer animal. Não são precisos equipamentos bélicos ou quaisquer outros métodos de acabar com a vida do outro. O poder político, religioso, a riqueza, as condições de vida... Nada, mas absolutamente nada, detém a senhora Morte.

» **Herodina Soares**
Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Que país é este? O povo querendo a redução do número de deputados na Câmara Federal, aí acontece o contrário: vai aumentar de 513 para 531 deputados!

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

A curiosa inversão no número de vagas para deputados: o número delas poderia ter sido 521 ou 523, mas, como são primos, seria apontado um nepotismo ou algo assim. Isso, nem pensar! Então, veio a tal inversão: de 513 para 531!

Marcos Paulino — Vicente Pires

Derrota para o povo brasileiro e vitória para uma restrita classe dominante burguesa. Esse Congresso é totalmente contrário às demandas da classe trabalhadora, que é basicamente 95% da população.

Vitor Bicalho Mota — São João Del-rei (MG)

Podem falar o que quiserem do Brasil, mas, aqui, todos se mobilizam pra salvar até um gato que subiu em árvore. Se fosse aqui, Juliana Marins teria sido resgatada no mesmo dia.

Fernanda Alves — Asa Norte

Paladinos da honestidade são citados no golpe dos aposentados do INSS. Nenhuma surpresa!

Joana Vieria — Sobradinho

Atualização da música dos Paralamas do Sucesso: Luiz Inácio falou, Luiz Inácio avisou, são 531 picaretas com anel de doutor.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

E se o mundo estiver acabando?

Se você teve o mínimo, o mínimo mesmo, de contato com qualquer fonte de notícia ou interação social nas últimas semanas, provavelmente sentiu a sensação de que o mundo estava acabando. Guerras, ameaças nucleares, avanço da gripe aviária, a tragédia na Indonésia, queda de balões e morte. A sensação de desespero diante do que parece ser o desmoronamento dos pilares da sociedade como a conhecemos cria um embate: sofrer ou ignorar?

Nesta semana, foi-me apresentado o termo “hipernormalização”. A palavra não existe na língua portuguesa — é uma tradução literal de hypernormalization, expressão criada pelo antropólogo Alexei Yurchak, ainda em 2006, para tentar explicar como os seres humanos “seguem em frente” quando parece haver um colapso social. Em vez de tratar dos problemas que existem no sistema, os indivíduos continuam fazendo o que sempre fazem: acordar, trabalhar, descansar e repetir o ciclo no dia seguinte. Na percepção de Yurchak, parecia existir uma “desconexão entre a realidade e o comportamento” — exatamente a hipernormalização.

Enquanto assisto à desumana situação vivida por crianças na Faixa de Gaza, ou vejo os feeds de diferentes redes sociais serem inundados pelos bombardeios iranianos sobre Tel Aviv, me pergunto se, em algum momento, fui entorpecido e agora vivo em uma hipernormalização do fim do mundo. Imagino que o sentimento não seja inédito, nem singular. Existe uma angústia em assistir a tudo isso e simplesmente seguir a vida.

Os problemas cotidianos — fim de relacionamentos, dificuldades financeiras, desilusões com o time do coração — parecem não ter a mínima importância diante de

tantas outras atribuições batendo à janelinha do nosso delicado cotidiano. E sim, agora é possível perceber como essa rotina, que parece ser a base da nossa existência, na verdade, é um castelo de cartas.

Por outro lado, sofrer até a exaustão por todos os problemas que pipocam nas nossas infinitas telas também não parece ser a melhor solução. Sim, eles parecem insuperáveis e uma ameaça iminente à nossa existência, mas ainda não temos o poder de resolvê-los sozinhos.

Não se trata de abraçar a hipernormalização e seguir como se guerras não caminhassem a longos passos em nossa direção. Não se trata de ignorar os problemas do mundo e ceder ao entorpecimento. Acho que, no fundo, trata-se de reconhecer nossa pequenez diante de questões muito maiores do que podemos humanamente resolver. Entender que fazer a nossa parte, no fim das contas, é tudo o que poderemos fazer.

Uma importante vertente dessa equação é a internet e as redes sociais. Algumas pessoas talvez nem percebam, mas os feeds reverberam drama e sofrimento de maneira gigantesca. O que já está ruim é multiplicado mil vezes nas pequenas telas, e sentimos como se estivéssemos sendo engolidos por tanta tragédia. Saia desse ambiente de vez em quando. É quase uma promessa: fora do feed, o mundo não está acabando tão rápido.

Para responder à pergunta inicial deste texto: é necessário existir um balanço. Não é adequado hipernormalizar o fim do mundo, nem se deixar levar por tantos problemas e tragédias. Saiba seu lugar nesse turbilhão de acontecimentos e faça o que estiver ao seu alcance. Será o suficiente.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço on Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br